



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

REGRA, PRÁTICA E IDEAL: NOTAS SOBRE A SEÇÃO 202 DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE WITTGENSTEIN*

Marciano Adilio Spica¹

Resumo: Nas *Investigações Filosóficas* (§ 202) Wittgenstein afirma que “seguir uma regra é uma prática”. Meu texto, tem por objetivo, dar uma explicação inacabada e não suficiente da relação entre regra e prática em Wittgenstein. Além disso, pretende mostrar que do fato de uma regra ser uma prática não decorre uma necessidade de defesa de um comunitarismo de regras, ou seja, de que só é possível seguir regras comunitariamente e não isoladamente. Uma visão como essa, a meu ver, inflacionaria a ideia de seguir regras.

Palavra-chaves: Wittgenstein. Regra. Prática. Comunitarismo. Ideal.

RULE, PRACTICE, AND IDEAL: NOTES ON §202 OF WITTGENSTEIN'S *PHILOSOPHICAL INVESTIGATIONS*

Abstract: In *Philosophical Investigations* (§ 202) Wittgenstein states that “following a rule is a practice”. My paper aims to give an unfinished and not sufficient explanation of the relationship between rule and practice in Wittgenstein. Furthermore, I intend to show that the fact that a rule is a practice does not result to defend a

¹ Professor do Departamento de Filosofia da UNICENTRO e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIOESTE. Tutor do grupo PET-Filosofia- UNICENTRO. Email: mspica@unicentro.br

communitarianism of rules, that is, that it is only possible to follow rules communally and not in an isolated context. A view like this, in my view, would inflate the idea of following rules.

Keywords: Wittgenstein. Rule. Practice. Comunitarianism. Ideal.

Nas *Investigações Filosóficas* (§ 202) Wittgenstein afirma que “seguir uma regra é uma prática”. Tenho como objetivo neste texto dar uma explicação inacabada e não suficiente da relação entre regra e prática em Wittgenstein. Além disso, pretendo mostrar que do fato de uma regra ser uma prática não decorre uma necessidade de defesa de um comunitarismo de regras, ou seja, de que só é possível seguir regras comunitariamente e não isoladamente. Uma visão como essa, a meu ver, inflacionaria a ideia de seguir regras e levaria a uma espécie de idealização filosófica sobre tal questão. Para cumprir com meus objetivos, começo esclarecendo a noção de prática em Wittgenstein, depois disso, mostro como tal conceito se relaciona com a ideia de seguir uma regra e finalizo com a defesa de que uma leitura inflacionada da seção 202 das *Investigações* pode levar a uma espécie de idealização da noção de seguir regras comunitariamente, o que é condenado pela própria obra de Wittgenstein.

O conceito de prática é central nas *Investigações Filosóficas* bem como em toda a obra tardia de Wittgenstein. Assim, gostaria de, inicialmente, chamar a atenção para algumas características do que Wittgenstein chama prática. A primeira coisa que aparece de forma clara a respeito da prática nas *Investigações* e em outras obras, como por exemplo suas *Remarks on the Foundations of Mathematics*, é que toda prática é uma ação, mas nem toda ação é uma prática. Ou seja, podemos agir sem que isso seja uma prática ou se torne uma prática. E aqui uso o termo ação em sentido amplo, envolvendo, por exemplo, a ação de andar, de comer, de pensar, de desejar e assim por diante. A prática parece exigir regularidade e repetição, ou um certo hábito ou costume. Nem todas as ações humanas são ações regulares e repetidas, já que, muitas vezes, agimos sem com isso, estarmos criando ou realizando uma prática. Por exemplo, o fato de realizarmos ações isoladas, uma única vez, não estabelece um uso ou uma prática. Imaginemos que eu estou no meu jardim e emito um som qualquer, uma única vez, quando estou tomando sol. Um observador da minha ação não pode dizer que tenho a prática de tomar sol e emitir sons estranhos, nem que tais sons se referem ao fato de eu estar tendo prazer ao tomar sol. Do fato dele ter

ouvido uma única vez meus sons estranhos ao tomar sol, não decorre o fato de que ele possa concluir que tenho o hábito ou a prática de emitir sons estranhos enquanto tomo sol. Agora, se todos os dias, antes do almoço, vou para o meu jardim tomar sol e emito um som estranhamente similar aos dias anteriores, meu observador pode dizer que tenho o hábito, o costume, uma prática de tomar sol e emitir sons estranhos ao fazê-lo. Assim como o exemplo de tomar sol, são inúmeras as ações cotidianas que realizamos sem que isso signifique que estamos seguindo uma prática.

Para que possamos falar em prática, necessitamos de regularidade e repetição e isso é muito claro quando observamos que, nas *Investigações* (§ 199), Wittgenstein escreve: “Não é possível que tivesse existido somente uma ocasião em que um relato fosse feito, uma ordem dada ou entendida, e assim por diante. Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos (usos, instituições).” Aqui fica claro, por exemplo, que a prática de fazer um relato envolve uma atividade repetida de fazer relatos, não uma única ação de relatar. Não poderíamos dizer que os seres humanos possuem uma prática de relatar fatos se um relato tivesse sido feito uma única vez. É nesse sentido que podemos dizer que práticas parecem ser instituições, costumes, hábitos que exigem certa repetição e certa regularidade. Aqui utilizo o termo “certa”, para não cair na tentação platonista de que uma prática tem padrões fixos, definidos e imutáveis. Parece-me que Wittgenstein recusaria isso, pois assim teríamos uma definição de uma prática e não uma descrição dela. Uma definição num sentido tal que daria a uma prática uma determinada essência. Certa regularidade e certa repetição permitem que possamos dizer que uma prática é ao mesmo tempo regular e dinâmica. Conseguimos perceber nela certos elementos de regularidade, apesar de ela estar em constante mutação. A prática de relatar fatos não permanece com as mesmas características desde as primeiras vezes que foi praticada até hoje, além disso existem variações na própria prática de relatar fatos. Ou seja, não relatamos fatos sempre da mesma maneira e com as mesmas palavras desde a primeira vez que um ser humano relatou um fato.

A seção 199, citada acima, parece chamar a atenção também para a ideia de que uma prática exige contexto. Ou seja, para que eu possa dizer se uma determinada ação é uma prática, preciso ter em mente que toda prática envolve um contexto que permite revelá-la como prática. Ações isoladas carecem do contexto que permite a uma ação tornar-se prática. Isso fica claro quando Wittgenstein fala do comportamento animal, relacionando-o com o comportamento humano. Veja-se, por exemplo, que nas *Investigações* (§ 250) Wittgenstein escreve: “Por que um cachorro não pode simular dores? Por que é muito honesto? Poder-se-ia ensinar um cachorro a simular dores? Pode-se talvez ensinar-lhe a ganhar de dor, em certas oportunidades, sem que esteja sentido dor. No entanto, para simulação propriamente dita faltaria ainda o

contexto adequado.” Aqui, alguém poderia dizer que Wittgenstein não está falando de prática, mas de sensações, o que não é uma forma correta de interpretar tal seção. A meu ver, aqui Wittgenstein está falando da capacidade de simular dor e essa seção vem logo depois dele admitir (na § 249) que mentir é um jogo de linguagem e que requer ser aprendido como outro jogo qualquer. Tanto mentir como simular dores são práticas humanas, apesar de serem uma prática condenável em muitas situações. Mas o que é esse contexto que Wittgenstein afirma faltar ao cachorro para que ele possa simular dores?

A resposta a essa pergunta parece ficar muito clara em seus *Remarks on the Foundations of Mathematics* (345). Ele diz:

Se um par de chimpanzés riscasse uma vez uma figura \odot — \odot na terra e a partir dali o outro riscasse a série \odot — \odot \odot — \odot etc., o primeiro não teria dado uma regra nem o outro a teria seguido, seja o que mais tivesse se passado ao mesmo tempo nas mentes deles dois. Se, contudo, ali fossem observados, por exemplo, o fenômeno de um tipo de instrução, de mostrar como o de imitação, de tentativas bem-sucedidas e falhas, de recompensa e punição e coisas semelhantes; se a longo prazo aquele que tivesse sido assim treinado pusesse figuras que ele jamais tivesse visto anteriormente uma depois da outra, em sequência, como no primeiro exemplo, então deveríamos dizer provavelmente que um chimpanzé estava pondo regras por escrito e o outro as estava seguindo. (...)

A meu ver, “a instrução, a imitação, o treinamento, etc,” constituem o contexto da prática. Para que uma ação se torne uma prática ela deve estar inserida num contexto maior que a própria ação isolada, ela precisa estar relacionada, por exemplo, com um aprendizado, uma repetição, uma compreensão da ação além, é claro, de um relacionar-se ou envolver-se com as regras de determinada prática, em uma determinada maneira, o que falta tanto ao chimpanzé, quanto ao cachorro. Para que uma prática seja realmente uma prática e não uma mera ação, Wittgenstein parece dizer que é preciso que quem a realiza seja capaz de, além daquilo que já dissemos antes, compreender que está realizando uma prática e explicar que a está realizando. Isto é, seja capaz, por exemplo, de expor as regras, o contexto e a regularidade de tal prática.

Para não nos estendermos demais, podemos, resumidamente, dizer que prática, em Wittgenstein, envolve repetição, regularidade, contexto, capacidade de compreensão e uma relação apropriada com as regras da própria prática e isso é extremamente importante para compreendermos corretamente o que Wittgenstein quer dizer com o fato de que seguir uma regra é uma prática.



Na mesma seção 199, a qual viemos discutindo até aqui, Wittgenstein afirma

que “não é possível que tivesse existido somente uma ocasião em que somente uma pessoa seguisse a regra.” Mas por que isso seria impossível, diante da noção de prática vista até aqui? Por uma questão bastante simples: se existisse uma ocasião em que uma única pessoa seguisse a regra uma única vez, essa pessoa não estaria seguindo a regra, mas simplesmente teria realizado uma ação. Não teria instituído uma prática, apenas agido. Se seguir regras é uma prática, ela precisa necessariamente envolver treinamento, regularidade, repetição. Não há regularidade e repetição numa ação realizada uma única vez por uma única pessoa. Aqui é preciso deixar claro que o uso que Wittgenstein faz das expressões “uma única vez” e “uma única pessoa” é muito importante, já que o que ele está dizendo é simplesmente que não podemos considerar uma prática uma ação realizada uma única vez por uma única pessoa, deixando em aberto, assim, a possibilidade de que se pode considerar uma prática uma ação realizada uma única vez por várias pessoas. Apesar de que para considerarmos ações como essas como práticas, teríamos de fazer um exercício de pensamento que substituísse o treinamento e a repetição do próprio sujeito pela própria ação de outros. Mas não pretendo me estender nessa questão aqui.

O importante é percebermos que as regras surgem da prática humana, da repetição e regularidade de ações que acabam se tornando regras de ação. Seguir regras é uma prática porque envolve treinamento, regularidade, repetição, contexto e compreensão, requisitos que, a nosso ver, são indispensáveis numa caracterização do que é uma prática. A seção 198 das *Investigações* ilustra bem essa ideia, ela diz: “Alguém só se orienta por uma placa de orientação na medida em que houver um uso contínuo, um costume.” Orientar-se pela placa é um exemplo claro de seguir uma regra. Mas, por que só é possível orientar-se pela placa se houver um uso contínuo, um costume? Porque posso passar pela placa sem entender o que a placa significa, posso passar repetidas vezes por essa placa e não seguir sua orientação e isso não seria seguir a placa. Para que se possa dizer que estou seguindo uma placa, preciso ter a intenção de seguir a placa, e a intenção de seguir a placa depende da existência de uma prática de seguir placas. Para que eu realmente siga a placa, preciso que minha intenção esteja dentro de um contexto de seguir placas, de seguir regras. Como Wittgenstein bem coloca na seção 337 das *Investigações*, “Uma intenção está imbuída em um cenário, em costumes e instituições humanas. Se a técnica do jogo de xadrez não existisse, eu não poderia ter a intenção de jogar um jogo de xadrez”. A intenção de seguir a placa, para Wittgenstein, é dependente do contexto de jogos. Preciso do contexto de seguir a placa para saber se realmente sigo a placa. Ou seja, preciso aprender que placas de orientação servem para orientar, conhecer o sinal da placa, saber que devo seguir placas de orientação. Tudo isso torna o seguir a placa uma prática, um costume e, portanto, seguir a placa de orientação torna-se

um exemplo de seguir regras. Como bem o diz Child (2013, p. 151):

Uma prática de seguir postes de sinalização, Wittgenstein pensa, envolverá traços como os seguintes: que as pessoas tratem um poste de sinalização como uma razão para ir por um caminho particular; que elas expliquem por que elas foram por aquele caminho por referência a um poste de sinalização; que elas corrijam a sua própria escolha de rota e a de outras pessoas por referência a um poste de sinalização, e assim por diante. É a presença de traços tais como esses que distingue a situação onde há um costume de seguir postes de sinalização de uma situação em que as pessoas regularmente caminham em paralelo com tabuletas, sem seguir postes de sinalização.

Mas as ideias expostas até aqui, levantam algumas questões importantes, como por exemplo: são as regras dependentes de práticas sociais? Ou seja, é possível seguir regras e/ou práticas isoladamente? Essas questões, como bem sabemos, são trabalhadas por vários comentaristas² de Wittgenstein e parece, em alguns momentos, ser uma briga sem vencedores. Mesmo assim, gostaria de me ater brevemente nessa discussão porque ela me parece essencial ao que vou falar depois, a saber, que a dependência entre regra e prática é essencial para que não cometamos o erro filosófico fundamental de buscar o ideal nas práticas humanas.

Ao usar expressões como costumes, usos, instituições para falar a respeito do seguimento de regras, poder-se-ia chegar à conclusão de que Wittgenstein parece estar assumindo uma posição segundo a qual a ideia de comunidade ou sociedade é constitutiva da noção de prática e regra. Em suas *Remarks on the Foundations of Mathematics* (334), essa ideia parece ganhar ainda mais força, já que ele parece sugerir que a regra é algo essencialmente social, ao escrever: “Eu posso certamente dar a mim mesmo uma regra e, então, segui-la. Mas não é ela uma regra somente pela razão que ela é análoga ao que é chamado de ‘regra’ nos negócios humanos?”. Mesmo com essas possíveis evidências de que Wittgenstein defende uma espécie de comunitarismo de regras, estaria ele realmente posicionando-se como tal?

Apesar de Wittgenstein deixar claro que seguir regras são usos, instituições, costumes, não entendo que ele chega ao ponto de defender um comunitarismo nas *Investigações*. A meu ver, a citação acima de *Remarks on the Foundations of Mathematics*, às vezes usada para a defesa de uma espécie de comunitarismo wittgensteiniano, parece, ao contrário, corroborar a tese de que é possível seguir regras independente de uma comunidade ou sociedade, já que ela afirma “Eu posso certamente dar a mim mesmo uma regra e, então, segui-la.” Nessa frase, Wittgenstein admite a possibilidade de que alguém siga regras isoladamente, ou seja, crie suas próprias regras e as siga. É claro que a sentença seguinte vai dizer “Mas não é ela uma regra somente pela razão que ela é análoga ao que é chamado de ‘regra’ nos negócios humanos?” e alguém poderia dizer que essa frase prova a necessidade de comunidades

2 Veja-se, por exemplo: McDowell, 1984; Bloor, 1997; McGinn, 1984; Baker e Hacker, 2009; Pears, 1988; Dall’Agnol, 2011.

para que alguém siga uma regra já que regra parece ser algo próprio de práticas humanas comunitárias, por isso da expressão ‘negócios humanos’. Mas, a meu ver, isso permite apenas dizer que para que alguém crie regras e as siga ele precisa conhecer o que é seguir regras, o que, claramente, é dependente de uma comunidade, mas não que um ser humano, por exemplo, isolado de uma comunidade não possa criar regras para si e as seguir, independente de uma comunidade. É nesse sentido, também, que pode ser entendido a seção 204 das *Investigações* na qual Wittgenstein escreve: “Do modo como as coisas estão, posso, p. ex., inventar um jogo jamais jogado por alguém.”

Assim sendo, a meu ver, parece perfeitamente plausível imaginar que alguém, dadas as condições iniciais de aprender que existem regras, existem jogos, existem práticas, possa criar práticas e seguir regras. Podemos tranquilamente imaginar uma situação em que um sujeito isolado possa desenvolver práticas e jogos nunca antes praticados e jogados e pode repetir com regularidade essas práticas e jogos. Como o próprio Wittgenstein escreve, “Poder-se-ia imaginar seres humanos que falassem somente em monólogo, que acompanhassem as suas atividades falando para si mesmos” (*Investigações*, § 243). Não parece difícil perceber que em algumas práticas humanas, indivíduos criem suas próprias regras para segui-las. É perfeitamente plausível, por exemplo, imaginar uma pessoa que queira desenvolver um modo de vida tal que ninguém segue, apenas ele, por ele entender ser correto seguir. Ao desenvolver esse modo de vida, ele pode criar regras e segui-las. Ele pode, por exemplo, desenvolver certas práticas para manter seu corpo saudável e praticá-las repetidamente, corrigindo-se quando não as pratica corretamente. Não me parece, por exemplo, que um padrão de correção para uma aplicação individual da regra necessita ser construído a partir de aplicações feitas por outros indivíduos. Não me parece que a correção da norma necessite ser sempre uma correção social. Isso não quer dizer que as regras do indivíduo sejam regras privadas no mesmo sentido de uma suposta linguagem privada, já que um expectador de sua vida pode descrever as regras de sua vida (é preciso aqui não confundir seguir regras individualmente, com seguir regras privadamente. Não se pode confundir a expressão “só eu sigo regras que eu mesmo criei” com “as regras que criei são regras que só eu entendo”).

Uma objeção que alguém poderia fazer é que um sujeito que cria práticas e as segue isoladamente não teria como distinguir o fato de estar realmente seguindo as regras ou somente acredita estar seguindo as regras e Wittgenstein parece claro em dizer que acreditar seguir a regra não é seguir a regra. Mas aqui, entendo que Child (2013, p. 154) resolve a questão ao afirmar que, “a prática de um indivíduo pode oferecer a regularidade requisitada, ela pode prover o contexto que é necessário para que alguma coisa seja utilizada como uma regra e ela pode suprir um padrão genuíno de correção para as tentativas do sujeito em aplicar a regra.” Além disso, com bem destaca Zangwill (2016) há regras que seguimos privadamente, como aquelas regras de raciocínio e de lógica, e mesmo nesses casos é possível saber se alguém

raciocinou corretamente e logicamente³.

A defesa de uma espécie de comunitarismo a respeito de seguir regras parece sofrer de um problema tipicamente filosófico, criticado por Wittgenstein, a saber, a tendência a buscarmos um ideal nas atividades humanas, quando, na verdade, o que se deve buscar em filosofia, segundo o autor, é somente mostrar como a linguagem funciona, através de exemplos. Como ele mesmo escreve na seção 101 “Acreditamos que o ideal tem que estar metido na realidade, pois acreditamos já vê-lo nela.” E segue na seção 103: “O ideal está fixado em nossos pensamentos de modo irremovível. Você pode sair dele. Você tem que voltar sempre de novo. Não existe um fora: lá fora falta o ar vital. _ Donde vem isto? A ideia está colocada, por assim dizer, como óculos sobre o nosso nariz, e o que vemos, vemo-lo através deles. Não nos ocorre tirá-los.” Para Wittgenstein a tarefa da filosofia não é “completar ou aprimorar o sistema de regras para o emprego de nossas palavras de modo exorbitante” (*Investigações*, §133), também não é definir de forma exaustiva um determinado conceito fixando seu uso de uma vez por todas. Assim sendo, por mais que os exemplos de Wittgenstein de prática e seguir regras sejam predominantemente exemplos de atividades que são desenvolvidas comunitariamente, esses exemplos não podem ser entendidos como os únicos possíveis. Não me parece que Wittgenstein tente nas *Investigações*, ao dizer que seguir uma regra é uma prática, defina todos os tipos de práticas possíveis que constituem o seguimento de regras. Isso seria como que definir uma essência para o seguimento de regras.

Assim, a discussão sobre se Wittgenstein é um comunitarista de regras parece deslocada de um dos principais objetivos da obra, a saber, que os fenômenos não têm nada em comum que nos faça usar uma mesma palavra para todos, não existe uma definição precisa, única e exaustiva do que seja seguir uma regra ou qualquer outro conceito da linguagem natural. Não se pode afirmar de forma conclusiva que a única forma de seguir uma regra é segui-la dentro de um contexto social. Quando exigimos isso da ideia de seguir regras, corremos o risco de nos enleiar em teses e ideias filosóficas que acabam atrapalhando nossa descrição de como os jogos de linguagem funcionam. É preciso sempre lembrar que:

Quanto mais precisamente consideramos a linguagem real, tanto mais forte se torna o conflito entre ela e a nossa exigência. (A pureza cristalina da lógica não se deu a mim como resultado; ela era, sim, uma exigência). O conflito torna-se insustentável. A exigência corre o risco de se converter em algo vazio. – Entramos por um terreno escorregadio, onde falta o atrito, portanto, onde as condições, em certo sentido, são ideais, mas nós, justamente por isso, também não somos capazes de andar. Queremos andar. Então precisamos do *atrito*. De volta ao chão áspero!” (*Investigações*, §107).

O chão áspero, às vezes, é apenas o terreno dos exemplos que nos mostram a variedade e maleabilidade das práticas humanas. Nesse sentido, dizer que seguir

3 Aqui, é importante chamar a atenção ao fato de que Zangwill (2016) faz uma distinção entre privacidade forte e fraca e defende que regras privadas podem ser seguidas de forma privadamente fraca, mas nunca num sentido forte, já que elas podem ser explicadas.

uma regra é uma prática é dizer que só poderemos saber se alguém está seguindo uma regra quando nos atermos a tudo o que constitui uma prática, quando nos fixarmos, ao invés de apenas pensarmos, sobre o próprio seguir regra como mais uma prática humana.

Referências

- BAKER, G. P. and Hacker, P. M. S. *Wittgenstein: Rules, Grammar, Necessity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- BLOOR, D. *Wittgenstein: Rules and Institutions*. London: Routledge, 1997.
- CHILD, W. *Wittgenstein*. Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Penso, 2013.
- DALL'AGNOL, D. *Seguir regras. Uma introdução às Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. Pelotas: Ed. UFPel, 2011.
- MCDOWELL, J. Wittgenstein on Following a Rule, *Synthese* 58, 1984, pp.325-363.
- MCGINN. *Wittgenstein on Meaning: An Interpretation and Evaluation*. Oxford: Blackwell, 1984.
- WITTGENSTEIN, L. *Remarks on the Foundations of Mathematics*. Oxford: Blackwell, 1978.
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell, 2001.
- ZANGWILL, N. Rules and Privacy, *Ethic@*, v. 15, n. 2. 2016, pp. 317-327.